

Luis Felipe Garcia, *La philosophie comme Wissenschaftslehre: Le projet fichtéen d'une nouvelle pratique du savoir* (Olms: Hildesheim, 2018), ISBN: 9783487156842. 483 pp.

Desde a introdução que somos advertidos para a necessidade de esclarecer o que se entende por filosofia, ou antes, o que Fichte entende por isso. A *Wissenschaftslehre* é a expressão que designa a “filosofia da filosofia”, quer dizer, o intuito de sublinhar o poder transformador de um saber que deseja assumir-se como tal. O gesto radical de Fichte, ao associar a filosofia à própria vida, faz dela uma aprendizagem ancorada numa transformação da própria realidade. De acordo com Luis Felipe Garcia, Fichte admite então a radicalidade de um projeto que deve assumir-se absolutamente. Mais do que um “amor” pelo saber ou uma “crítica” do saber (Kant) a filosofia é um “saber do saber”, de tal forma que aprender filosofia é efetivamente “aprender a aprender” (p. 43).

Trata-se, por conseguinte, de conhecer e reunir as peças desse novo saber para que compreendamos a sua grandeza. Se o saber é uma atividade autorreflexiva, é elementar conhecer as regras imanentes a essa atividade. Assim, mais do que conhecer este ou aquele objeto, o intuito é saber que saber é esse, qual a sua atividade, pulsão, desígnio. Não admira que os estudos fichteanos teimem em retomar e aprofundar conhecimentos como a psicanálise, a antropologia ou a pedagogia.

No seguimento de um tradutor e investigador de Fichte, Daniel Breazeale, pode-se então interrogar: *Why Fichte now?* A resposta assenta na conceção de que Fichte “põe no centro da filosofia a questão da filosofia” (p. 34). Ora, a “tese” do livro de Luis Felipe Garcia procura esclarecer o que se entende por filosofia alargando a noção de saber, não apenas o saber teórico como o prático. De tal modo que a *Lehre* fichteana tanto é uma “doutrina” como uma “aprendizagem” – tirando, assim, partido da amplitude semântica da expressão. Escreve o autor que se deve “sublinhar que a *aprendizagem* constitui um dos elementos fundamentais da resposta fichteana à questão: «O que é a filosofia?»” (p. 43).

Para um novo desafio exige-se uma metodologia específica. Para além de se esclarecer a nova conceção do saber em que assenta a perspetiva de Fichte, é necessário sublinhar o trajeto que vai das três Críticas de Kant à apresentação do sistema do espírito. O abalo suscitado pela *Crítica da Razão Pura* e as repercussões que teve na conceção de saber, em particular de Jacobi, Reinhold, Mainon e o *Enesidemo* de Schulze são fundamentais para o despertar de Fichte e para a produção da *Grundlage der Gesamten Wissenschaftslehre*. Também a noção de *Geist* e o seu poder transformador, são indispensáveis para compreender a nova conceção do saber protagonizada por Fichte. *Geist* tanto é um “produtor livre do saber guiado na sua atividade por um sentimento obscuro de verdade” (p. 81) como é o lugar onde habitam os nossos saberes. Se partirmos de alguns escritos de Jena, percebemos que *Geist* é o núcleo que articula sujeito, objeto e fundo.

No ensejo de ir reunindo as peças do novo saber proposto por Fichte, Fellipe Garcia relembra-nos que a condição geral da própria consciência é partir de um princípio indemonstrável. Se não há consciência sem um princípio que a sustente, esse princípio é a identidade, o célebre $A=A$. Mas pouco compreenderíamos de Fichte se não tomássemos em consideração a fratura entre o Eu que se põe enquanto atividade e o Eu que se descobre. Se há o Eu que se põe absolutamente há também aquele que é descoberto, pretexto para Fichte referir o esforço (*Streben*) para acercar a unidade mais elevada do conhecimento do homem – unidade jamais alcançada mas que nos estimula enquanto ideal. Escreve Fellipe Garcia: “Esta fratura identitária exibida no coração do Eu exprime a transformação da subjetividade à qual conduz o projeto fichteano de um saber do saber” (p. 130).

Há então uma atividade reflexiva e uma tensão inevitável. O primeiro princípio mostra também a dívida de Fichte para com Kant e Espinosa. Com o primeiro trata-se do absoluto enquanto “unidade transcendental da consciência”; com o segundo o absoluto é tido como a identidade originária da “forma e materialidade do saber” (p. 118). Voltamos a encontrar Kant e Espinosa como dupla influência na doutrina fichteano a respeito da “tábua dos juízos e a fenomenologia da consciência” (capítulo IV, da Parte I, intitulada “Uma Nova Conceção do Saber”). Se a tábua das categorias proposta pela *Crítica da Razão Pura* é retomada por Fichte, também o são as noções de absoluto, substância e afeto de Espinosa.

Se nos situarmos na Parte I de *La Philosophie comme Wissenschaftslehre*, é imprescindível assinalar noções, como *Anstoss*, choque ou sobressalto, que merece a detenção de Fellipe Garcia. Deste modo, temos de compreender a forma como o Eu sofre o choque do exterior ou até do seu próprio interior. Escreve o autor: “O choque é assim aquilo que aciona O Eu a traduzir o que o rodeia/envolve (*environnement*) na linguagem do saber” (p. 153). De tal forma que este choque acaba por ser a fonte de concetualizações. Mas não só. Como não termina, este choque supõe a infinidade do Eu, pois “se a atividade do Eu não for até ao infinito, o choque suprimiria completamente sua atividade e o Eu não seria em geral posto, a concetualização supõe assim o inconclusivo” (p. 154). Ora, é este choque, entre finito e infinito, que permite compreender o poder da imaginação (o poder da oscilação entre o finito e o infinito). Com efeito, é a imaginação que está por detrás das categorias; é ela que se esconde por detrás das representações e conceitos, estando na raiz de qualquer atividade do saber. Como afirma significativamente Fellipe Garcia no término da 1ª Parte da sua investigação: é a imaginação que dá espessura filosófica ao sentimento, esforço, pulsão, aspiração e satisfação, precisamente o campo de ação de páginas essenciais da *Grundlage*.

Na Parte II da sua investigação, intitulada “A variação criativa”, a preocupação do autor é tentar compreender o movimento de três das exposições da *Wissenschaftslehre*, correspondentes a três datas distintas. A primeira é a *Wissenschaftslehre Nova Metodo* (WNM), notas de curso de 1796-1799; a segunda a *Wissenschaftslehre* de 1804 e a terceira a *Wissenschaftslehre* de 1812. Trata-se de apreender a linguagem

de Fichte nas exposições referidas, pretexto para o autor defender que temos, inicialmente, a linguagem do Eu, seguida de uma linguagem do ser para finalizarmos numa linguagem da imagem. Tudo se passa como se a exposição da Doutrina da Ciência utilizasse uma língua específica, adequada ao intuito fichteano de dizer de várias formas (de traduzir de várias maneiras) o que entende pelo saber do saber.

A Parte III e última de *La philosophie comme Wissenschaftslehre* retoma as partes anteriores no intuito de completar o desiderato da *Doutrina do Saber*. Trata-se, assim, de mostrar como o saber é uma atividade reflexiva, capaz de originar uma visão unitária de uma totalidade de condições para a qual se requiere “uma exploração das raízes pulsionais da racionalidade” (cf., p. 321). O intuito é esclarecer de vez a arquitetura do saber, a sua conceção de filosofia, precisamente. Ora, se a linguagem representativa tem dificuldade em apreender o pré-objetivo, a intenção do autor é mostrar como Fichte, o “poliglota concetual” (aquele que escreve e traduz a língua do eu, do ser e da imagem) está atento ao destino / determinação do homem, para além de insistir em “pôr à prova” a sua filosofia sistemática em escritos populares com intuítos claramente didáticos. Trata-se, agora, na terceira parte, de abordar a noção e missão da aprendizagem, a sua relação com o espaço social e o horizonte temporal e, enfim, as condições da sua posição efetiva “e da sua renovação em relação à época atual”.

Na indagação que Luis Felipe Garcia leva a cabo, e da qual nos limitámos a recolher alguns elementos, é convincente a ideia de que existe um Fichte “poliglota concetual”. Ao ser capaz de “falar várias línguas” (de dizer de várias formas o enigma do saber), é ainda a linguagem representativa que mostra a sua insuficiência para dar conta de um saber que não cessa de se reconstruir. Se há um *woher* (de onde) e um *wohin* (para onde) em todo os sistemas filosóficos, é mérito de Felipe Garcia estruturar começo, produção e finalidade de um saber que teima em reorganizar-se. Tudo indica que, tal como o barco de Neurath, Fichte é como um marinheiro obrigado a reparar o seu barco em alto mar, como se fosse reconstruindo a sua filosofia a partir dessa mesma filosofia, de peças aparentemente soltas e ensaiando combinações possíveis. Sem dúvida que um dos méritos de *La philosophie comme Wissenschaftslehre*, e não dos menores, é o de ter chamado a atenção para a interligação de inúmeras facetas do pensamento de Fichte.

De facto, se a vertente histórica se une à vertente conceptual na investigação levada a cabo por Felipe Garcia, é porque se trata não apenas de refazer um trajeto (dos textos datados de 1794 a 1814) como de atender ao movimento concetual que os caracteriza. Conceitos como espírito ou imaginação, choque ou pulsão, servem de placas giratórias onde se erguem outros conceitos que, por sua vez, ocuparão outros lugares e outras funções noutros contextos. Tal postura permitirá então aceder ao terreno do saber como se estivéssemos munidos de um mapa.

Diremos que não se trata de um mapa que permita visualizar a forma como se conhecem ou representam objetos, mas sim de um saber em “geral” ou por “excelência” no qual tanto é indispensável a atividade do próprio saber como a “atividade

pré-consciente capaz de engendrar todo o campo da objetividade”. O que nos parece digno de nota é que a *Wissenschaftslehre*, contrariamente aos intuitos da filosofia crítica, não é compreendida como um tribunal, mas como um espaço coletivo que nos ajudará a compreender o que ignoramos de nós próprios e que tem por finalidade a construção de um futuro comum (cf., p. 451). É pela forma como sinaliza e aprofunda todas estas perspetivas que o estudo que Feliipe Garcia nos oferece, exaustivo e rigoroso, merece a nossa atenção.

José Manuel Heleno

Cefi – Centro de Estudos de Filosofia/

Universidade Católica de Lisboa

E-MAIL: jmmheleno@gmail.com

ORCID: 0000-0003-2272-1987

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_58_10